

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LI, número 13 (2.610)

Cidade do Vaticano

terça-feira 31 de março de 2020

EM SÃO PEDRO A PRECE DE FRANCISCO CARREGA O BRADO DE ANGÚSTIA E DE ESPERANÇA DO MUNDO

Mais que o medo devido à solidão e ao abandono

ANDREA MONDA

Em 1955 o escritor inglês C.S. Lewis, há pouco tempo viúvo devido à morte prematura da sua esposa doente de cancro, escreveu ao seu amigo Malcolm, gravemente doente, uma carta para o consolar e contar-lhe a paixão de Jesus, abandonado por todos, flagelado e injustamente condenado à morte, tão só que na cruz as suas palavras dirigidas ao Pai são «Meu Deus, por que me abandonaste?». Uma forma verdadeiramente singular de consolação.

Tempos antes, a Jesus tinha sido dirigida uma pergunta cheia de angústia, a pergunta sobre a morte: «não Te importas que pereçamos?». São os discípulos que acordam Jesus que está a dormir na popa do barco à mercê da tempestade no Lago de Tiberíades. O Papa Francisco insistiu sobre esta cena narrada pelo Evangelho de Marcos e repetiu esta pergunta várias vezes no seu discurso pronunciado ontem à tarde na Praça de São Pedro. Depois o Papa rezou diante do ícone da *Salus populi Romani* e diante do crucifixo da igreja de São Marcelo transportado para a ocasião e colocado ali na praça, em frente da Basílica, debaixo da chuva. No rosto de madeira contorcido pela dor parece estar a pergunta: «Não vos importais que eu pereça?». Jesus morreu sozinho, condenado pelo seu povo, abandonado pelos seus amigos. Ele morreu sozinho e pelos sofrimentos atrozes causados não só pelas suas feridas mas, antes de mais nada, pelo sufocamento devido ao facto de ter sido pregado na cruz. Um crucificado morre de asfixia. Ontem quase mil pessoas na Itália morreram de coronavírus, morreram sozinhas e por asfixia, sem fôlego. O aspeto mais atroz desta pandemia reside precisamente na solidão a que ela nos condena a viver e sobretudo a morrer. Tudo isto assusta os homens, mas ao cristão, além do medo, confere misteriosamente algo mais. O cristão sabe que é Jesus que continua a sofrer nestes irmãos e irmãs, como se estivesse a cumprir o que falta aos seus padecimentos (*Cl* 1, 24).

No final daquela carta a Malcolm, em 1955, Lewis concluiu: «Estou convencido de que o que tu e eu podemos realmente compartilhar neste momento é apenas a escuridão; comparilhá-la entre nós e, o que mais importa, com o nosso Mestre. Não estamos numa vereda ainda não percorrida, mas antes de tudo, no caminho principal».

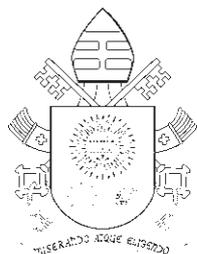
O abraço de Deus à humanidade na tempestade



Mensagem para o Dia mundial de oração pelas vocações

Nas tempestades da vida Jesus estende-nos a mão

«As palavras da vocação» é o tema do 57.º Dia mundial de oração pelas vocações, que se celebra a 3 de maio próximo, quarto Domingo de Páscoa. A seguir, o texto da mensagem escrita para a ocasião pelo Santo Padre.



Queridos irmãos e irmãs!

A 4 de agosto do ano passado, no 160.º aniversário da morte do Santo Cura d'Ars, quis dedicar uma Carta aos sacerdotes, que todos os dias, obedecendo à chamada que o Senhor lhes dirigiu, gastam a vida ao serviço do Povo de Deus.

Então escolhi quatro palavras-chave – *tribulação*, *gratidão*, *coragem* e *louvor* – para agradecer aos sacerdotes e apoiar o seu ministério. Acho que, neste 57.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, poder-se-iam retomar aquelas palavras e dirigi-las a todo o Povo de Deus, tendo como pano de fundo o texto evangélico que nos conta a experiência singular que sobreveio a Jesus e a Pedro durante uma noite de tempestade no lago de Tiberíades (cf. *Mt* 14, 22-33).

Depois da multiplicação dos pães, que entusiasinou a multidão, Jesus manda os discípulos subir para o barco e seguir à sua frente para a outra margem, enquanto Ele despedia o povo. A imagem desta travessia do lago sugere de algum modo a viagem da nossa existência. De facto, o barco da nossa vida avança lentamente, sempre preocupado à procura dum local afortunado de atracagem, pronto a desafiar os riscos e as conjunturas do mar, mas desejava também de receber do timoneiro a orientação que o coloca finalmente na rota certa. Às vezes, porém, é possível perder-se, deixar-se cegar pelas ilusões em vez de seguir o farol luminoso que o conduz ao porto seguro, ou ser desafiado pelos ventos contrários das dificuldades, dúvidas e medos.

Assim acontece também no coração dos discípulos, que, chamados a seguir o Mestre de Nazaré, têm de se decidir a passar à outra margem, optando corajosamente por abando-

nar as próprias seguranças e seguir os passos do Senhor. Esta aventura não é tranquila: cai a noite, sopra o vento contrário, o barco é sacudido pelas ondas, e há o risco de sobrepor-se o medo de falhar e não estar à altura da vocação.

Mas, na aventura desta travessia não fácil, o Evangelho diz-nos que não estamos sozinhos. Quase forçando a aurora no coração da noite, o Senhor caminha sobre as águas tumultuosas e vai ter com os discípulos, convida Pedro a vir ao encontro d'Ele sobre as ondas e salva-o quando o vê afundar; finalmente, sobe para o barco e faz cessar o vento.

Assim, a primeira palavra da vocação é *gratidão*. Navegar pela rota certa não é uma tarefa confiada só aos nossos esforços, nem depende apenas dos percursos que escolhemos fazer. A realização de nós mesmos e dos nossos projetos de vida não é o resultado matemático do que decidimos dentro do nosso «eu» isolado; pelo contrário, trata-se, antes de mais nada, da resposta a uma chamada que nos chega do Alto. É o Senhor que nos indica a margem para onde ir e, ainda antes disso, dá-nos a coragem de subir para o barco; e Ele, ao mesmo tempo que nos chama, faz-Se também nosso timoneiro para nos acompanhar, mostrar a direção, impedir de encalhar nas rochas da indecisão e tornar-nos capazes até de caminhar sobre as águas tumultuosas.

Toda a vocação nasce daquele olhar amoroso com que o Senhor veio ao nosso encontro, talvez mesmo quando o nosso barco estava à mercê da tempestade. «Mais do que uma escolha nossa, a vocação é resposta a uma chamada gratuita do Senhor» (*Carta aos Presbíteros*, 4/VIII/2019); por isso conseguiremos descobri-la e abraçá-la, quando o nosso coração se abrir à gratidão e souber reconhecer a passagem de Deus pela nossa vida.

Quando os discípulos veem aproximar-Se Jesus caminhando sobre as águas, começam por pensar que se trata dum fantasma e assustam-se. Mas, Jesus imediatamente os tranquiliza com uma palavra que deve acompanhar sempre a nossa vida e o nosso caminho vocacional: «Coragem! Sou Eu! Não temais!» (*Mt* 14, 27). Esta é precisamente a segunda palavra que gostaria de vos deixar: *coragem*.

Frequentemente aquilo que nos impede de caminhar, crescer, escolher a estrada que o Senhor traça para nós são os fantasmas que pululam nos nossos corações. Quando

somos chamados a deixar a nossa margem segura para abraçar um estado de vida – como o matrimónio, o sacerdócio ordenado, a vida consagrada – muitas vezes a primeira reação é constituída pelo «fantasma da incredulidade»: não é possível que esta vocação seja para mim; trata-se verdadeiramente da estrada certa? Precisamente a mim é que o Senhor pede isto?

E pouco a pouco avolumam-se em nós todas aquelas considerações, justificações e cálculos que nos fazem perder o ímpeto, confundem-nos e deixam-nos paralisados na margem de embarque: julgamos ter sido um erro, não estar à altura, ter simplesmente visto um fantasma que se deve afugentar.

O Senhor sabe que uma opção fundamental de vida – como casar-se ou consagrar-se de forma especial ao seu serviço – exige *coragem*. Ele conhece os interrogativos, as dúvidas e as dificuldades que agitam o barco do nosso coração e, por isso, nos tranquiliza: «Não tenhas medo! Eu estou contigo». A fé na presença d'Ele que vem ao nosso encontro e nos acompanha mesmo quando o mar está revolto, liberta-nos daquela acédia que podemos definir uma «tristeza adocicada» (*Carta aos Presbíteros*, 4/VIII/2019), isto é, aquele desânimo interior que nos bloqueia impedindo-nos de saborear a beleza da vocação.

Na *Carta aos Presbíteros*, falei também da tribulação, que aqui gostaria de especificar concretamente como *fadiga*. Toda a vocação requer empenhamento. O Senhor chama-nos, porque nos quer tornar, como Pedro, capazes de «caminhar sobre as águas», isto é, pegar na nossa vida para a colocar ao serviço do Evangelho, nas formas concretas que Ele nos indica cada dia e, de modo especial, nas diferentes formas de vocação laical, presbiteral e de vida consagrada. A semelhança do Apóstolo, porém, sentimos desejo e ardor e, ao mesmo tempo, vemo-nos assinalados por fragilidades e temores.

Se nos deixarmos arrastar pelo pensamento das responsabilidades que nos esperam – na vida matrimonial ou no ministério sacerdotal – ou das adversidades que surgirão, bem depressa desviaremos o olhar de Jesus e, como Pedro, arriscamos a afundar. Pelo contrário a fé permite-nos, apesar das nossas fragilidades e limitações, caminhar ao encontro do Senhor Ressuscitado e vencer as próprias tempestades. Pois Ele estende-nos a mão, quando, por cansaço ou medo, corremos o risco

de afundar e dá-nos o ardor necessário para viver a nossa vocação com alegria e entusiasmo.

Por fim, quando Jesus sobe para o barco, cessa o vento e apacem-se as ondas. É uma bela imagem daquilo que o Senhor realiza na nossa vida e nos tumultos da história, especialmente quando estamos a braços com a tempestade: Ele ordena aos ventos contrários que se calem, e então as forças do mal, do medo, da resignação deixam de ter poder sobre nós.

Na vocação específica que somos chamados a viver, estes ventos podem debilitar-nos. Penso em quantos assumem funções importantes na sociedade civil, nos esposos, que intencionalmente me aprez definir «os corajosos», e de modo especial penso nas pessoas que abraçam a vida consagrada e o sacerdócio. Conheço a vossa fadiga, as solidões que às vezes tornam pesado o coração, o risco da monotonia que pouco a pouco apaga o fogo ardente da vocação, o fardo da incerteza e da precariedade dos nossos tempos, o medo do futuro. Coragem, não tenhais medo! Jesus está ao nosso lado e, se O reconhecermos como único Senhor da nossa vida, Ele estende-nos a mão e agarra-nos para nos salvar.

E então a nossa vida, mesmo no meio das ondas, abre-se ao *louvor*. Esta é a última palavra da vocação, e pretende ser também o convite a cultivar a atitude interior de Maria Santíssima: agradecida pelo olhar que Deus pousou sobre Ela, superando na fé medos e perturbações, abraçando com coragem a vocação, Ela fez da sua vida um cântico eterno de louvor ao Senhor.

Caríssimos, especialmente neste Dia de Oração pelas Vocações, mas também na ação pastoral ordinária das nossas comunidades, desejo que a Igreja percorra este caminho ao serviço das vocações, abrindo brechas no coração de todos os fiéis, para que cada um possa descobrir com gratidão a chamada que Deus lhe dirige, encontrar a coragem de dizer «sim», vencer a fadiga com a fé em Cristo e finalmente, como um cântico de louvor, oferecer a própria vida por Deus, pelos irmãos e pelo mundo inteiro. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós.

Roma, São João de Latrão,
no II Domingo da Quaresma,
8 de março de 2020.

Franciscus

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicumque suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0053123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilsol24ore.com

CATEQUESE

O Pontífice propôs o ensinamento da «*Evangelium vitae*»

Cada vida deve ser defendida e amada

No vigésimo quinto aniversário da «*Evangelium vitae*», o Papa Francisco repropôs o ensinamento da encíclica de João Paulo II no atual «contexto de uma pandemia que ameaça a vida humana e a economia mundial». Na audiência geral de quarta-feira, 25 de março — que, como as precedentes neste tempo de crise devido ao coronavírus, se realizou na Biblioteca particular do Palácio apostólico e foi transmitida em streaming — o Pontífice não deu continuidade às catequeses sobre as Bem-aventuranças das semanas passadas mas, em continuidade com o predecessor, frisou o vínculo estreito e profundo «entre a Anunciação e o “Evangelho da vida”».

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Há vinte e cinco anos, nesta mesma data de 25 de março, que na Igreja é a solene festividade da Anunciação do Senhor, São João Paulo II promulgou a Encíclica *Evangelium vitae*, sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana.

O vínculo entre a Anunciação e o “Evangelho da vida” é estreito e

profundo, como salientou São João Paulo II na sua Encíclica. Hoje insistimos sobre este ensinamento, no contexto de uma pandemia que ameaça a vida humana e a economia mundial. Uma situação que torna ainda mais exigentes as palavras iniciais da Encíclica. Elas: «O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. Amorosamente acolhido cada dia pela Igreja, há de ser fiel e corajosamente



te anunciado como boa nova aos homens de todos os tempos e culturas» (n. 1).

Como todos os anúncios evangélicos, também este deve ser antes de tudo testemunhado. E penso com gratidão no testemunho silencioso de tantas pessoas que, de diferentes maneiras, se prodigalizam ao serviço dos doentes, dos idosos, de quantos vivem sozinhos e dos mais indigentes. Põem em prática o Evangelho da vida como Maria que, depois de ter acolhido o anúncio do Anjo, foi ao encontro da sua prima Isabel, que precisava de ajuda.

Com efeito, a vida que somos chamados a promover e defender não é um conceito abstrato, mas manifesta-se sempre numa pessoa em carne e osso: uma criança recém-concebida, um pobre marginalizado, um enfermo sozinho e desanimado ou em fase terminal, alguém que perdeu o emprego ou não consegue encontrá-lo, um migrante rejeitado ou guetizado... A vida manifesta-se concretamente nas pessoas.

Cada ser humano é chamado por Deus a gozar da plenitude da vida; e, tendo sido confiado à solicitude materna da Igreja, qualquer ameaça à dignidade humana e à vida não pode deixar de se repercutir no seu coração, nas suas “entranhas” maternas. Para a Igreja a defesa da vida não é uma ideologia, mas uma realidade, uma realidade humana que envolve todos os cristãos, precisamente porque são cristãos, porque são humanos.

Infelizmente, os atentados contra a dignidade e a vida das pessoas persistem até nesta nossa época, que é o tempo dos direitos humanos universais; aliás, estamos diante de novas ameaças e escravidões, e as legislações nem sempre tutelam a vida humana mais frágil e vulnerável.

Portanto, a mensagem da Encíclica *Evangelium vitae* é mais atual do que nunca. Além das emergências, como a que estamos a viver, trata-se de agir a nível cultural e educativo, para transmitir às gerações vindouras uma atitude de solidariedade, de atenção e de acolhimento, consciente de que a cultura da vida não é património exclusivo dos cristãos, mas pertence a todos aqueles que, trabalhando pela construção de relações fraternas, reconhecem o valor próprio de cada pessoa, até quando é frágil e sofredora.

Caros irmãos e irmãs, cada vida humana, única e irrepetível, é válida por si mesma, constitui um valor inestimável. Isto deve ser proclamado sempre de novo, com a coragem da palavra e das obras. Isto exige solidariedade e amor fraterno pela grande família humana e por cada um dos seus membros.

Por isso, com São João Paulo II, que escreveu esta Encíclica, reitero com renovada convicção o apelo que ele dirigiu a todos há vinte e cinco anos: «Respeita, defende, ama e serve a vida, cada vida humana! Unicamente ao longo deste caminho encontrarás justiça, progresso, verdadeira liberdade, paz e felicidade!» (*Evangelium vitae*, 5).

No final da audiência o Papa saudou em várias línguas quantos o seguiam através dos meios de comunicação proferindo em português as seguintes expressões.

De coração saúdo aos fiéis de língua portuguesa: obrigado pela vossa união na oração! À Virgem Maria, Saúde dos Enfermos, confio todos vós, fazendo votos de que testemunhei o Evangelho da Vida com a palavra e a coragem das ações. Sobre vós e vossas famílias, desça a Bênção do Senhor!

O Papa recitou o Pai-Nosso com todos os cristãos do mundo
Misericórdia para a humanidade

Em comunhão espiritual com todos os cristãos do mundo, o Papa recitou o “Pater Noster” para implorar misericórdia para a humanidade provada pela pandemia de coronavírus». Da Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano o Pontífice guiou a oração — transmitida em streaming — ao meio-dia de quarta-feira, 25 de março, solenidade da Anunciação do Senhor, dando continuidade ao apelo feito no dia 22 no Angelus. Publicamos as palavras introdutivas proferidas por Francisco.



Prezados irmãos e irmãs!

Hoje reunimo-nos, todos os cristãos do mundo, para recitar o Pai-Nosso, a oração que Jesus nos ensinou.

Como filhos confiantes, dirijamo-nos ao Pai. Façamo-lo todos os dias, várias vezes por dia; mas neste momento queremos implorar misericórdia para a humanidade, duramente provada pela pandemia do coronavírus. E façamo-lo juntos, cristãos de todas as Igrejas e Comunidades, de todas as tradições, idades, línguas e nações.

Oremos pelos doentes e pelas suas famílias; pelos agentes no campo da saúde e por aqueles que os ajudam; pelas autoridades, pelas for-

ças da ordem e pelos voluntários; bem como pelos ministros das nossas comunidades.

Hoje muitos de nós celebram a Encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria, quando no seu “Eis-me!” humilde e total se reverberou o “Eis-me!” do Filho de Deus. Também nós nos entreguemos com plena confiança nas mãos de Deus e, com um só coração e uma só alma, rezemos:

[*Pai-Nosso em latim*]

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

Nota de apresentação do Decreto “Quo magis” que contém a aprovação de sete novos prefácios eucarísticos para a forma extraordinária do Rito Romano

Com o Decreto *Quo magis* do dia 22 de fevereiro de 2020, a Congregação para a Doutrina da Fé, que desde janeiro de 2019 trata dos assuntos anteriormente atribuídos à Pontifícia Comissão «Ecclesia Dei» (cf. FRANCISCO, *Carta Apostólica em forma de Motu Proprio acerca da Pontifícia Comissão «Ecclesia Dei»*, 17 de janeiro de 2019), aprovou o texto de sete novos prefácios eucarísticos a serem utilizados *ad libitum* na celebração da Missa segundo a *forma extraordinária* do Rito Romano (As partituras musicais com os textos destes prefácios serão disponibilizados, nos diversos tons em uso na *forma extraordinária*, na Libreria Editrice Vaticana).

Esta disposição constitui a complementação de um trabalho iniciado anteriormente pela Pontifícia Comissão acima mencionada, dando cumprimento ao mandato conferido pelo Papa Bento XVI de inserir alguns prefácios adicionais no Missal da *forma extraordinária* (“No Missal antigo poderão e deverão ser inseridos [...] alguns dos novos prefácios. A Comissão «Ecclesia Dei», em contacto com os diversos entes devotados ao *Usus antiquior*, estudará as possibilidades práticas de o fazer”: BENTO XVI, *Carta aos Bispos que acompanha o Motu Proprio Summorum Pontificum sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma realizada em 1970*, AAS 99 [2007] 798. Este mandato foi sucessivamente confirmado e completado em 2011, na Instrução *Universæ Ecclesie* da mesma Pontifícia Comissão. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO “ECCLESIA DEI”, *Instrução sobre a aplicação da Carta Apostólica Motu Proprio Summorum Pontificum de S.S. o Papa Bento XVI*, n. 25, AAS 103 [2011] 418).

O estudo realizado sobre o tema levou à escolha de um número limitado de textos a serem utilizados em circunstâncias ocasionais, como as festas de santos, as missas votivas ou as celebrações *ad hoc*, sem introduzir nenhuma mudança nas celebrações do ciclo temporal. Esta escolha pretende salvaguardar, através da unidade dos textos, a unanimidade de sentimentos e orações apropriados para a confissão dos mistérios da Salvação celebrados, naquilo que constitui a principal estrutura do ano litúrgico. Por outro lado, o desenvolvimento histórico do *Corpus Prefationum* do *Missale Romanum*, até a metade do século passado, foi precisamente na direção de novos prefácios para celebrações pontuais do que para as celebrações do ciclo temporal.

Ao mesmo tempo, aproveitou-se a oportunidade para estender a todos os que celebram no *Usus Antiquior*, a faculdade de poder usar outros três prefácios que no passado eram concedidos a determinados lugares. Também aqui, trata-se de textos para determinadas celebrações ocasionais.

Quatro dos textos recém-aprovados, a saber, os prefácios *de Angelis, de Sancto Ioanne Baptista, de Martyribus e de Nuptiis*, foram tomados do Missal da *forma ordinária*, que provêm, em sua parte central ou «embolismo», de fontes litúrgicas antigas. Por outro lado, para respeitar a harmonia com o restante do *Corpus Prefationum* do antigo Missal, em três dos casos foram utilizados para os protocolos finais dos prefácios, uma ou outra das fórmulas usuais dos prefácios da *forma extraordinária*. Como mencionado, os três outros textos (prefácios *de Omnibus Sanctis et Sanctis Patronis, de Sanctissimo Sacramento e de Dedicacione ecclesie*) são prefácios anteriormente concedidos às dioceses francesas e belgas, e ali utilizados antes da reforma litúrgica pós-conciliar. Agora os mesmos poderão ser usados onde quer que a Missa seja celebrada na *forma extraordinária*.

Dois dos sete prefácios permitirão dar uma maior e justa importância nas celebrações litúrgicas em honra a figuras de destaque no plano de Deus manifestado na história da Salvação, a saber, os Anjos e São João Batista, que até ao presente momento não possuíam um prefácio eucarístico próprio no *Usus Antiquior*. Na mesma perspectiva, o prefácio *de Martyribus* permitirá sublinhar o caráter eminente do dom do martírio, também acenando para outros testemunhos de *Sequela Christi*. Os primeiros santos reconhecidos como tais foram de facto os mártires. Os prefácios *de Dedicacione ecclesie, de Omnibus Sanctis et Sanctis Patronis e de Ss.mo Sacramento*, que já estão em uso em alguns lugares, permitirão oportunamente que as relativas celebrações sejam enriquecidas, com uma eucologia mais adequada ao seu caráter do que o habitual prefácio *Communis*. Enfim, chama a atenção o prefácio *de Nuptiis*, que junta-

mente com a grande bênção nupcial ainda em uso nas Missas *pro Sponsis*, é encontrado, com pequenas variações, nos Sacramentários antigos como o Gelasiano antigo e o Gregoriano. Esse antigo prefácio, já recuperado pela *forma ordinária*, agora pode ser usado também na *forma extraordinária*.

Conforme indicado acima, o uso ou não dos prefácios recém-aprovados, nas relativas circunstâncias, permanece uma faculdade *ad libitum*. Obviamente, faz-se um apelo nesse sentido ao bom senso pastoral do celebrante. Além disso, nota-se que o Decreto não anula as eventuais concessões de prefácios próprios feitas no passado. Portanto, em casos particulares (lugares, institutos...) que já existisse um prefácio particularmente diferente para a mesma circunstância litúrgica, com base no que tinha sido concedido anteriormente, se poderá escolher entre esse e o texto recém-aprovado.



Audiência do Papa aos membros da Congregação para a doutrina da fé (janeiro de 2020)

Nota de apresentação do Decreto “Cum sanctissima” sobre a celebração litúrgica em honra dos santos na “forma extraordinária” do Rito Romano

Com o decreto *Cum sanctissima*, de 22 de fevereiro de 2020, a Congregação para a Doutrina da Fé, que desde janeiro de 2019 trata dos assuntos anteriormente atribuídos à Pontifícia Comissão “Ecclesia Dei” (cf. FRANCISCO, *Carta Apostólica na forma de «Motu Proprio» sobre a Pontifícia Comissão «Ecclesia Dei»*, 17 de janeiro de 2019), concluiu o trabalho realizado há vários anos por essa Comissão para cumprir o mandato conferido pelo Papa Bento XVI de facilitar a celebração, na *forma extraordinária* do Rito Romano, dos santos canonizados mais recentemente (“No antigo Missal, novos santos podem e devem ser inseridos [...]”. A Comissão «Ecclesia Dei», em contacto com os diversos

órgãos dedicados ao *usus antiquior*, estudará as possibilidades práticas”: BENTO XVI, *Carta aos Bispos por ocasião da publicação da Carta Apostólica Motu Proprio data Summorum Pontificum sobre o uso da liturgia romana antes da reforma realizada em 1970*, AAS 99 [2007] 798. Este mandato foi posteriormente confirmado e completado em 2011, na Instrução *Universæ Ecclesie* da mesma Pontifícia Comissão: cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO «ECCLESIA DEI», *Instrução sobre a aplicação da Carta Apostólica Motu Proprio data Summorum Pontificum de S.S. Bento PP-XVI*, n.25, AAS 103 [2011] 418). Com efeito, sendo o santoral da *forma extraordinária* determinado pelos livros litúrgicos em vigor no

ano de 1962, os santos canonizados depois daquele ano ficaram excluídos.

O estudo em vista da elaboração de uma solução prática para permitir a celebração litúrgica dos santos mais recentes no *Usus Antiquior* foi uma oportunidade de abordar os múltiplos aspectos do problema, como o caráter bem provido do calendário existente – especialmente no que diz respeito às festas de III classe – bem como a consideração de todas as repercussões de quaisquer mudanças, sem esquecer a coerência – sempre preferível – entre Missa e Ofício, e a questão dos textos litúrgicos a serem utilizados.

Em tempos de covid-19

Decreto da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos

Considerando a rápida evolução da pandemia da covid-19 e tendo em conta as observações recebidas das Conferências episcopais, esta Congregação oferece uma atualização acerca das indicações e sugestões gerais já propostas aos bispos no precedente decreto de 19 de março de 2020.

Dado que a data da Páscoa não pode ser transferida, nos países atingidos pela doença, onde estão previstas restrições para o encontro e o movimento de pessoas, os bispos e sacerdotes devem celebrar os ritos da Semana Santa sem a participação de fiéis e num lugar adequado, evitando a concelebração e omitindo a troca da paz.

Os fiéis devem ser informados sobre a hora do início das celebrações, para poder unir-se à oração em casa. Poderão servir de ajuda os meios de comunicação telemática ao vivo, não gravada. De qualquer maneira, é importante dedicar um tempo adequado à oração, valorizando sobretudo a *Liturgia Horarum*.

As Conferências episcopais e as dioceses individuais não deixem de oferecer subsídios para ajudar a oração familiar e pessoal.

1 - **Domingo de Ramos.** A Comemoração da Entrada do Senhor em Jerusalém deve ser celebrada no interior do edifício sagrado; nas igrejas catedrais siga-se a segunda forma prevista pelo Missal Romano; nas igrejas paroquiais e noutros lugares, a terceira.

2 - **Missas crismal.** Avaliando o caso concreto nos diferentes países, as Conferências episcopais poderão dar indicações sobre uma possível transferência para outra data.

3 - **Quinta-Feira Santa.** O lava-pés, já facultativo, deve ser omitido. No final da Missa da Ceia do Senhor, a procissão também deve ser omitida; e o Santíssimo Sacramento deve ser conservado no tabernáculo. Neste dia, os sacerdotes recebem extraordinariamente a faculdade de celebrar a Missa num lugar adequado, sem a participação de fiéis.

4 - **Sexta-Feira Santa.** Na oração universal, os bispos terão o cuidado de predispor uma intenção especial por aqueles que se encontram em situa-



Sacerdote celebra a missa sem a presença de fiéis em Barcelona, Espanha (Reuters)

ção de constrangimento, pelos doentes, pelos defuntos (cf. *Missale Romanum*). O ato de adoração da Cruz mediante o ósculo deve ser limitado unicamente ao celebrante.

5 - **Vigília pascal.** Seja celebrada exclusivamente nas igrejas catedrais e paroquiais. Para a liturgia batismal, mantenha-se unicamente a renovação das promessas batismais (cf. *Missale Romanum*).

Para os seminários, os colégios sacerdotais, os mosteiros e as comunidades religiosas, sigam-se as indicações do presente Decreto.

As expressões de piedade popular e as procissões que enriquecem os dias da Semana Santa e

do Tríduo pascal, segundo o parecer do bispo diocesano, podem ser transferidas para outros dias oportunos, por exemplo 14 e 15 de setembro.

De mandato Summi Pontificis pro hoc tantum anno 2020.

Da Sede da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 25 de março de 2020, solenidade da Anunciação do Senhor.

Robert Card. Sarah
Prefeito

D. Arthur Roche
Arcebispo secretário

Nota de apresentação do Decreto “Cum sanctissima”

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

É nesse contexto que parecia apropriado não se ocupar com este ou com aquele dos santos mais recentes, mas colocar um princípio geral que permita a possibilidade de celebrar, dentro da estrutura normativa geral da *forma extraordinária*, e quando o dia litúrgico permitir, qualquer santo canonizado a partir dos anos sessenta, no dia da sua recorrência litúrgica.

Mais precisamente, o decreto amplia o campo de aplicação das *Missae festivae latiore sensu* do n. 302-c das *Rubricae Generales Missalis Romani* (que até agora incluía apenas os dias da IV classe) a uma parte das festas da III classe e das vigílias da III classe (Na realidade, há apenas uma vigília de III classe no calendário da *forma extraordinária*, isto é, a de S. Lourenço em 9 de agosto. A esse respeito, é bom lembrar que de 1568 até ao *Codex Rubricarum* de 1960, as vigílias não privilegiadas, como as das festas dos santos, eram de rito *simplex*, de modo que, quando estavam em ocorrência com uma festa de um santo *semiduplex* ou *duplex*, prevalecia o santo e não a vigília. Com a reforma do Papa São Pio X

[nos anos de 1911-1914], nas Missas não conventuais, o celebrante podia, em certos casos, escolher tanto a Missa do santo ocorrente quanto a Missa da vigília [cf. *Additiones et variationes in rubricis Missalis*, n. 1] (cf. decreto n. 1). Disso se deduz que, obviamente, essas novas disposições não afetam de maneira alguma as outras celebrações, em particular as da I ou II classe. Ao mesmo tempo, o decreto especifica que tal *Missa festiva latiore sensu* também pode ser celebrada em honra dos santos canonizados após 26 de julho de 1960 (data da última atualização do Martirológio da *forma extraordinária*), no dia da relativa ocorrência litúrgica (n. 2).

Dado esse princípio, as demais disposições do decreto fornecem os esclarecimentos úteis que o seguem, como a aplicação também ao Ofício divino, que neste caso deve ser celebrado integralmente em honra do santo (n. 3), a necessidade de fazer a *commemoratio* da festa de III classe possivelmente ocorrente de acordo com o calendário (n. 4), bem como as regras para a escolha dos textos litúrgicos (n. 5). Em relação a este último ponto, devem-se observar as três fontes de onde tomar os textos,

a saber, em primeiro lugar, o *Proprium Sanctorum pro aliquibus locis* já existente no Missal da *forma extraordinária*, em segundo lugar, um suplemento especial a ser publicado no futuro pela Santa Sé, e somente na ausência dessas duas fontes, o *Commune Sanctorum* existente.

Deve-se enfatizar que a celebração dos santos mais recentes de acordo com essas novas disposições é apenas uma possibilidade e, consequentemente, permanece opcional. Portanto, aqueles que desejam celebrar os santos seguindo o calendário da *forma extraordinária*, estabelecido pelo livro litúrgico, permanecerem livres para fazê-lo. A esse respeito, é bom lembrar que a existência de festas facultativas em honra dos santos não é uma novidade absoluta no Rito Romano, dado que durante o período pós-tridentino e até à reforma das rubricas realizada pelo Papa São Pio X, o calendário comportou vinte e cinco dessas chamadas festas *ad libitum*.

O novo decreto oferece, por outro lado, uma possibilidade adicional para o caso em que se celebra de acordo com o calendário vigente, mas que, ao mesmo tempo, deseja-se honrar eventuais outros santos ocor-

rentes. De facto, de acordo com o n.6, é possível acrescentar uma *commemoratio* de um santo ocorrente, quando isso é referido no *Proprium pro aliquibus locis* ou no suplemento a ser publicado, como acima mencionado.

Ao escolher se se deve ou não fazer uso das disposições do decreto nas celebrações litúrgicas em honra dos santos, obviamente se apela ao bom senso pastoral do celebrante. Para o caso particular das celebrações dos Institutos religiosos e das Sociedades da vida apostólica, o n. 7 do decreto fornece alguns esclarecimentos úteis a este respeito.

O decreto termina (n. 8) com referência a uma lista de setenta festas de III classe, cujas celebrações nunca podem ser impedidas pelas suas disposições. Esta lista, fornecida no anexo, reflete a particular importância dessas festas, avaliada com base em critérios precisos, como a relevância dos santos em questão no Plano da Salvação ou na história da Igreja, sua importância em termos da devoção que eles despertaram ou dos escritos que produziram, ou a antiguidade de seu culto em Roma.

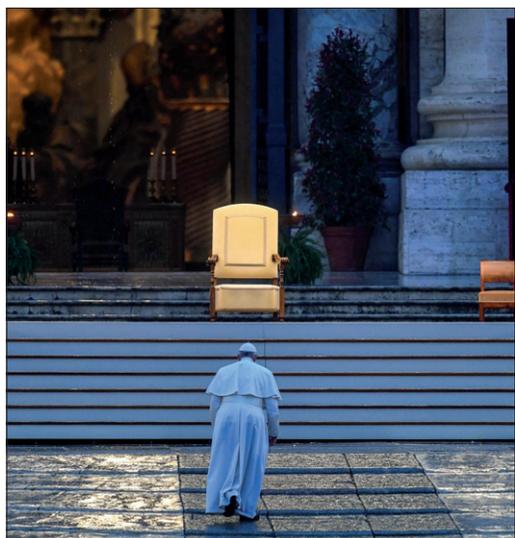


Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade. Continua a repetir-nos: «Não tenhais medo!» (Mt 14, 27). E nós, juntamente com Pedro, «confiamos-Te todas as nossas preocupações, porque Tu tens cuidado de nós» (@Pontifex_pt)

Na praça de São Pedro a prece do Sumo Pontífice carrega o brado de angústia e de esperança do mundo

O abraço confortador de Deus à humanidade à mercê da tempestade

As 18h00 de sexta-feira 27 de março o Papa Francisco presidiu na praça de São Pedro a um momento extraordinário de oração para implorar o fim da pandemia e fazer chegar à humanidade «à mercê da tempestade» o «abraço confortador de Deus» que «concede saúde aos corpos e conforto aos corações». A seguir, o texto da sua homília.



«Ao entardecer...» (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. A semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos,

todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» (cf. 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar a estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte de do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho

que vemos Jesus a dormir). Acoram-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: «Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» (4, 40).

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer N'Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (4, 38) Não Te importas: pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: «Não te importas de mim». É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele. De facto, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de «empacotar» e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestésiar com hábitos aparentemente «salvadores», incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso «eu» sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda a velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamos-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guer-

ras e injustiças planetárias, não ouvimos os gritos dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: «Acorda, Senhor!»

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». Senhor, lança-nos um apelo, um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, como sobretudo vir a Ti e fiar-se de Ti. Nesta Quaresma, ressoa o teu apelo urgente: «Convertei-vos...». «Convertei-Vos a Mim de todo o vosso coração» (Jl 2, 12). Chamas-nos a aproveitar este tempo de prova como um tempo de decisão. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de



reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros. E podemos ver tantos «companheiros de viagem» empalres, que, no medo, reagiram oferecendo a própria vida. É a força operante do Espírito derramada e plasmada em entregas corajosas e generosas. É a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dívida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosos e muitos - mas muitos - outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho. Perante o sofrimento, onde se mede o verdadeiro desenvolvimento dos nossos povos, descobrimos e experimentamos a oração sacerdotal de Jesus: «Que todos sejam um só» (Jl 17, 21). Quantas pessoas dia a dia exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avós e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o altar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras.

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir com o barco da nossa vida. Confitemos-Lhe os nossos medos, para que Ele

vença. Com Ele a bordo, experimentaremos - como os discípulos - que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele sereña as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida nunca morre.

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva. Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumega (cf. Lc 42, 3), que nunca adoece, e deixemos que reacenda a esperança.

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ansia de onipotência e posseção, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possem ajudar a salvaguardar-nos e a sal-

vaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança.

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?». Queridos irmãos e irmãs, deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de vos confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, saúde do seu povo, estrela do mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo desça sobre vós,

como um abraço consolador, a bênção de Deus. Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações! Pedes-nos para não ter medo; a nossa fé, porém, é fraca e sentimo-nos temerosos. Mas Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade. Continua a repetir-nos: «Não tenhais medo!» (Mt 14, 27). E nós, juntamente com Pedro, «confiamos-Te todas as nossas preocupações, porque Tu tens cuidado de nós» (cf. 1 Ped 5, 7).

O crucifixo molhado pelas lágrimas do Céu

ANDREA TORNIELLI

O Protagonista da oração que na tarde de 27 de março - antecipação da Sexta-feira Santa - o Papa Francisco celebrou numa Praça de São Pedro vazia mergulhada num silêncio irreal, foi Ele. O Crucifixo, com a chuva torrencial que molhava o corpo, para acrescentar ao sangue pintado na madeira aquela água que o Evangelho nos diz que jorrou da ferida infligida pela lança.

Aquele Cristo crucificado que sobreviveu ao incêndio e que os romanos levaram em procissão contra a peste; aquele Cristo crucificado que São João Paulo II abraçou durante a liturgia penitencial do Jubileu de 2000, foi o protagonista silencioso e desarmado no centro do espaço vazio. Até Maria, *Szulus populi Romani*, encapsulada na redoma de acrílico que se tornou opaca devido à chuva, parecia ceder o passo, quase desaparecendo, humildemente, perante Ele, elevado na cruz para a salvação da humanidade.

O Papa Francisco parecia pequeno, e ainda mais inclinado ao subir os degraus do adro da igreja não sem esfor-

ço e em solidão, tornando-se o intérprete das dores do mundo para as oferecer aos pés da cruz: «Mestre, não Te importas que pereçamos?». A crise angustiante que estamos a viver com a pandemia «desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades» e «agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: «Acorda, Senhor!»»

A sirene de uma ambulância, uma das muitas que nestas horas atravessam os nossos bairros para socorrer os novos contagiados, acompanhou juntamente com os sinos o momento da bênção eucarística *Urbi et Orbi*, quando o Papa, ainda sozinho, se reapresentou na praça, deserta e debaixo da chuva torrencial, traçando o sinal da cruz com o ostensório. Mais uma vez, o protagonista foi Ele, aquele Jesus que ao imolar-se quis fazer-se alimento para nós e que também hoje nos repete: «Por que tendes medo? Ainda não tendes fé? Não tenhais medos».

Aos salesianos reunidos em capítulo o Papa pede que sejam artífices de esperança e valorizem o papel da mulher

Não fecheis as janelas à voz dos oradores e ao brado dos jovens

Aos participantes no 28º capítulo geral da Sociedade salesiana de São João Bosco — inaugurado no dia 16 de fevereiro em Valdocco (Itália), sobre o tema «Que salesianos para os jovens de hoje?» o Papa Francisco enviou a seguinte mensagem, lida durante os trabalhos que tiveram lugar a 6 de março.

Amados irmãos!

Saúdo-vos com carinho e dou graças a Deus por poder, apesar da distância, partilhar convosco um momento do caminho que estais a percorrer.

É significativo que, depois de algumas décadas, a Providência vos tenha levado a celebrar o Capítulo geral em Valdocco — o lugar da memória — onde o sonho fundador se concretizou, dando os primeiros passos. Estou certo de que o barulho e as vozes dos oradores serão a melhor música, a mais eficaz para que o Espírito reavive o dom carismático do vosso fundador. Não fecheis as janelas para este ruído de fundo... Deixai que ele vos acompanhe e vos conserve inquietos e intrépidos no discernimento; e permiti que estas vozes e estes cânticos, por sua vez, evoquem em vós o rosto de muitos outros jovens que, por várias razões, se encontram como ovelhas sem pastor (cf. *Mc* 6, 34). Este clamor e esta inquietação manter-vos-ão atentos e vigilantes perante qualquer tipo de anestesia autoimposta, ajudando-vos a permanecer em fidelidade criativa à vossa identidade salesiana.

Reavivar o dom que recebestes

Pensar na figura de salesiano para os jovens de hoje implica aceitar que estamos imersos num momento de mudanças, com toda aquela incerteza que isto gera. Ninguém pode dizer com segurança e exatidão (se é que um dia foi possível fazê-lo) o que vai acontecer no futuro próximo a nível social, económico, educacional e cultural. A inconsistência e a “fluidez” dos acontecimentos, mas sobretudo a rapidez com que se sucedem e se comunicam os eventos, fazem com que todo o tipo de previsão se torne uma leitura condenada a ser reformulada quanto antes (cf. Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, 3-4). Esta perspectiva acentua-se ainda mais porque as vossas obras estão orientadas de maneira particular para o mundo juvenil, que em si mesmo é um mundo em movimento e em transformação constante. Isto requer de nós uma dupla docilidade: docilidade aos jovens e às suas exigências, e docilidade ao Espírito e a tudo aquilo que Ele quiser transformar.

Assumir responsabilmente esta situação — tanto a nível pessoal como comunitário — implica sair de uma retórica que nos faz dizer continuamente que “tudo muda” e que, repetindo-o muitas vezes, acaba por nos fixar numa inércia paralisante que priva a vossa missão da *parrésia* pró-



A mãe Margarida de Valdocco

pria dos discípulos do Senhor. Tal inércia pode manifestar-se também num olhar e numa atitude pessimistas diante de tudo o que nos circunda, e não só em relação às transformações que ocorrem na sociedade, mas inclusive em relação à própria Congregação, aos irmãos e à vida da Igreja. Aquela atitude que acaba por “boicotar” e impedir qualquer resposta ou processo alternativo, ou por fazer emergir a posição oposta: um otimismo cego, capaz de dissolver a força e a novidade evangélica, impedindo de aceitar concretamente a complexidade que as situações exigem e a profecia que o Senhor nos convida a levar adiante. Nem o pessimismo nem o otimismo são dons do Espírito, pois ambos provêm de uma visão autorreferencial, que só é capaz de se medir com as próprias forças, capacidades ou habilidades, impedindo de olhar para aquilo que o Senhor atua e quer realizar entre nós (cf. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 35). Nem se adaptar à cultura da moda, nem se refugiar num passado heroico, mas já desencarnado. Em tempos de mudanças, é bom ater-se às palavras de São Paulo a Timóteo: «Por este motivo, exorto-te a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste através da imposição das minhas mãos. Pois Deus não nos concedeu um Espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria» (2 *Tm* 1, 6-7).

Estas palavras convidam-nos a cultivar uma atitude contemplativa, capaz de identificar e discernir os pontos nevrálgicos. Isto ajudará a seguir o caminho com o espírito e a contribuição própria dos filhos de Dom Bosco e, como ele, a desenvolver uma «válida revolução cultural» (Encíclica *Laudato si'*, 114). Esta atitude contemplativa permitir-vos-á superar e ultrapassar as vossas pró-

prias expectativas e os vossos programas. Somos homens e mulheres de fé, o que pressupõe a paixão por Jesus Cristo; e sabemos que tanto o nosso presente como o nosso futuro estão imbuídos desta força apostólico-carismática, chamada a continuar a permear a vida de tantos jovens abandonados e em perigo, pobres e necessitados, excluídos e descartados, privados de direitos, de casa... Estes jovens esperam um olhar de esperança, capaz de contradizer qualquer tipo de fatalismo ou determinismo. Esperam cruzar o olhar de Jesus, o qual lhes diz «que de todas as situações obscuras e dolorosas [...] há uma saída» (*Christus vivit*, 104). É aí que reside a nossa alegria!

Nem pessimista nem otimista, o salesiano do século XXI é um homem cheio de esperança, porque sabe que o seu centro está no Senhor, capaz de renovar tudo (cf. *Ap* 21, 5). Só isto nos salvará de viver numa atitude de resignação e sobrevivência defensiva. Só isto tornará fecunda a nossa vida (cf. *Homilia*, 2 de fevereiro de 2017), porque tornará possível que o dom recebido continue a ser experimentado e expresso como boa nova para e com os jovens de hoje. Esta atitude de esperança é capaz de instaurar e inaugurar processos educativos alternativos à cultura predominante, que em não poucas situações — quer por indigência e pobreza extrema, quer por abundância, nalguns casos também extrema — acaba por sufocar e matar os sonhos dos nossos jovens, condenando-os a um conformismo ensurdecido, dissimulado e não raramente narcotizado. Nem triunfalistas nem alarmistas, homens e mulheres alegres e esperançosos, não automatizados mas atentos; capazes de «mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres e da amizade social» (*Christus vivit*, 36).

A “opção Valdocco” do vosso 28º Capítulo geral é uma boa oportunidade para vos confrontardes com as fontes e pedir ao Senhor: “*Da mihi animas, coetera tolle*”! Tolle acima de tudo aquilo que foi incorporado e perpetuado ao longo do caminho e que, embora noutra época possa ter sido uma resposta adequada, hoje impede-vos de configurar e modelar a presença salesiana de modo evangélicamente significativo nas diversas situações da missão. Isto obriga-nos a superar os medos e as apreensões que podem surgir, por termos acreditado que o carisma se reduzisse ou se identificasse com certas obras ou estruturas. Viver fielmente o carisma é algo mais rico e estimulante do que simplesmente abandonar, deslocar ou readaptar casas ou atividades; implica uma mudança de mentalidade face à missão a realizar.²

A “opção Valdocco”
e o dom dos jovens

O Oratório salesiano e tudo o que dele surgiu, como narra a *biografia do Oratório*, nasceu como resposta à vida dos jovens com um rosto e uma história, que puseram em movimento aquele jovem sacerdote incapaz de permanecer neutro ou imóvel diante do que acontecia. Foi muito mais do que um gesto de boa vontade ou de bondade, e até muito mais do que o resultado de um projeto de estudo sobre a “viabilidade numérico-carismática”. Penso nisto como um ato de conversão permanente e de resposta ao Senhor que, “cansado de bater” à nossa porta, espera que o procuremos e o encontremos... Ou que o deixemos sair quando Ele bater de dentro. Conversão que implicou (e complicou) toda a sua vida e a dos que o rodeavam. Dom Bosco não só não quer separar-se do mundo para buscar a santidade, mas deixa-se questionar e escolhe *como e em que mundo viver*.

Escolhendo e acolhendo o mundo das crianças e dos jovens abandonados, sem trabalho nem formação, permitiu-lhes experimentar a paternidade de Deus de forma tangível, oferecendo-lhes instrumentos para narrar as suas vidas e histórias à luz de um amor incondicional. Eles, por sua vez, ajudaram a Igreja a reencontrar-se com a sua missão: «A pedra descartada pelos construtores tornou-se a pedra angular» (*Sl* 118, 22). Longe de serem agentes passivos ou espetadores da obra missionária, eles tornaram-se, a partir da sua condição — em muitos casos “iletrados religiosos” e “analfabetos sociais” — os principais protagonistas de todo o processo de fundação.³ A salesianidade nasceu precisamente deste encontro, capaz de suscitar profecias e visões: acolher, integrar e fazer crescer as melhores qualidades como dom para os outros, sobretudo para os marginalizados e abandonados, dos quais nada se espera. Paulo VI disse: “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma... Em síntese, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar fresco, alento e força para anunciar o Evangelho” (*Evangelii nuntiandi*, 15). Todos os carismas devem ser renovados e evangelizados, e no vosso caso especialmente pelos jovens mais pobres.

Os interlocutores de Dom Bosco de ontem e do salesiano de hoje não são meros destinatários de uma estratégia planejada com antecedência, mas protagonistas vivos do Oratório a realizar.⁴ Através deles e com eles o Senhor mostra-nos a sua vontade e os seus sonhos.⁵ Poderíamos chamá-los cofundadores das vossas casas, onde o salesiano será perito em convocar e gerar este tipo de dinâmicas, sem se sentir o seu senhor. Uma união que nos recorda que somos “Igreja em saída” e que nos mobiliza para isto: Igreja capaz de abandonar posições confortáveis, seguras e às



Um momento dos trabalhos do Capítulo

vezes privilegiadas, para encontrar nos últimos a fecundidade típica do Reino de Deus. Não se trata de uma escolha estratégica, mas carismática. Uma fecundidade apoiada na base da cruz de Cristo, o que é sempre uma injustiça escandalosa para aqueles que bloquearam a sensibilidade diante do sofrimento ou se conformaram com a injustiça em relação aos inocentes. «Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista destes dramas dos seus filhos jovens. Jamais devemos habituar-nos a isto, pois quem não sabe chorar não é mãe. Queremos chorar para que a própria sociedade seja mais mãe» (*Christus vivit*, 75).

A “opção Valdocco” e o carisma da presença

É importante garantir que não somos formados *para* a missão, mas que somos formados *na* missão, a partir da qual depende toda a nossa vida, com as suas escolhas e as suas prioridades. A formação inicial e a permanente não podem ser uma instância prévia, paralela ou separada da identidade e da sensibilidade do discípulo. A missão *inter gentes* é a nossa melhor escola: a partir dela rezamos, refletimos, estudamos e descansamos. Quando nos isolamos ou nos distanciamos do povo que somos chamados a servir, a nossa identidade de consagrados começa a desfigurar-se e a tornar-se uma caricatura.

Neste sentido, um dos obstáculos que podemos identificar não tem tanto a ver com qualquer situação externa às nossas comunidades, mas é sobretudo aquele que nos toca diretamente, por causa de uma experiência distorcida do ministério... e que nos fere muito: o clericalismo. É a busca pessoal de querer ocupar, concentrar e determinar os espaços, minimizando e anulando a união do Povo de Deus. Vivendo a vocação de forma elitista, o clericalismo confunde a eleição com o privilégio, o serviço com o servilismo, a unidade com a uniformidade, a discrepância com a oposição, a formação com a doutrinação. O clericalismo é uma perversão que fomenta vínculos funcionais, paternalistas, possessivos e até manipuladores com o restante das vocações na Igreja.

Outro obstáculo que encontramos – generalizado, e até justificado, especialmente neste tempo de precariedades e fragilidades – é a tendência ao rigorismo. Confundindo auto-

ridade com autoritarismo, ele pretende governar e controlar os processos humanos com uma atitude escrupulosa, severa e até mesquinha diante das limitações e fraquezas, próprias ou dos outros (especialmente dos outros). O rigorista esquece que o trigo e o joio crescem juntos (cf. *Mt* 13, 24-30) e «que nem todos podem tudo, e que nesta vida as fragilidades humanas não são curadas completamente e de uma vez para sempre, pela graça. Em todo o caso, como ensinava Santo Agostinho, Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes» (*Gaudete et exultate*, 49). Com grande gentileza e delicadeza espiritual, S. Tomás de Aquino recorda-nos que «o diabo engana muitos. Alguns, levando-os a cometer pecados; outros, ao contrário, à excessiva rigidez para com aqueles que pecam, de modo que, quando não os consegue conquistar com o comportamento vicioso, conduz à perdição aqueles que já conquistou, usando o rigor dos preladados que, deixando de os corrigir com misericórdia, os induzem ao desespero; e é assim que se perdem e caem na rede do diabo. É isto que nos há de acontecer, se não perdoarmos os pecadores».⁶

Quem acompanha os outros a crescer deve ser uma pessoa com horizontes vastos, capaz de impor limites e dar esperança, ajudando assim a olhar sempre em perspectiva, numa visão salvífica. O educador «que não tem medo de impor limites e, ao mesmo tempo, abandona-se à dinâmica da esperança expressa na sua confiança na ação do Senhor dos processos, é a imagem de um homem forte, que orienta o que não pertence a ele, mas ao seu Senhor».⁷ Não nos é lícito sufocar e impedir a força e a graça do possível, cuja realização sempre esconde uma semente de Vida nova e boa. Aprendamos a trabalhar e a confiar nos tempos de Deus, que são sempre maiores e mais sábios do que as nossas medidas míopes. Ele não quer destruir ninguém, mas salvar todos.

Por conseguinte, é urgente encontrar um estilo de formação capaz de aceitar estruturalmente que a evangelização implica a participação integral, com plena cidadania, de cada batizado – com todas as suas potencialidades e limitações – e não apenas dos chamados «atores qualificados» (cf. *Evangelii gaudium*, 120); uma participação na qual o serviço, e o serviço aos mais pobres, seja a espinha dorsal que ajude a manifes-

tar e a testemunhar melhor nosso Senhor, «que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos» (*Mt* 20, 28). Encorajo-vos a dar continuidade aos vossos esforços, a fim de fazer das vossas casas um “laboratório eclesial”, capaz de reconhecer, apreciar, estimular e encorajar as diferentes vocações e missões na Igreja.⁸

Neste sentido, penso concretamente em duas presenças da vossa comunidade salesiana, que podem ajudar como elementos a partir dos quais avaliar o lugar que ocupam as diferentes vocações entre vós; duas presenças que constituem um “antídoto” contra todas as tendências clericalistas e rigorosas: o Irmão Coadjuutor e as mulheres.

Os Irmãos Coadjuutores são expressão viva da gratuidade que o carisma nos convida a preservar. A vossa consagração é, antes de tudo, sinal do amor gratuito do Senhor e ao Senhor nos seus jovens, que não se define principalmente com um ministério, uma função ou um serviço particular, mas através de uma presença. Antes mesmo de tarefas a cumprir, o salesiano é recordação viva de uma presença em que a disponibilidade, a escuta, a alegria e a dedicação constituem as notas essenciais para suscitar processos. A gratuidade da presença salva a Congregação de qualquer obsessão ativista ou reducionismo técnico-funcional. A primeira chamada consiste em ser uma presença alegre e gratuita entre os jovens.

O que seria de Valdocco sem a presença da Mãe Margarida? Teriam as vossas casas sido possíveis sem esta mulher de fé? Em algumas regiões e lugares «há comunidades que se mantiveram e transmitiram a fé durante longo tempo, por décadas, sem que algum sacerdote passasse por lá. Isto foi possível graças à presença de mulheres fortes e generosas, que batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar; foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo. Durante séculos, as mulheres mantiveram a Igreja de pé nesses lugares com admirável dedicação e fé ardente» (Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazonia*, 99). Sem uma presença real, eficaz e afetiva das mulheres, às vossas obras faltaria coragem e capacidade de declinar a presença como hospitalidade, como lar. Diante do rigor que exclui, é preciso aprender a gerar a nova vida do Evangelho. Convido-vos a levar

em frente dinâmicas nas quais a voz das mulheres, o seu olhar e as suas ações – apreciadas na sua singularidade – encontrem eco na tomada de decisões; como ator não auxiliar, mas constitutivo, das vossas presenças.

A “opção Valdocco” na pluralidade das línguas

Assim como noutros tempos, o mito de Babel procura impor-se em nome da globalidade. Sistemas interiores criam uma rede de comunicação global e digital, capaz de interligar os vários recantos do planeta, com o grave perigo de unificar de maneira monolítica as culturas, privando-as das suas características essenciais e dos seus recursos. A presença universal da vossa família salesiana constitui um estímulo e um convite a tutelar e preservar a riqueza de muitas das culturas nas quais estais imersos, sem procurar “homologá-las”. Por outro lado, esforçai-vos a fim de que o Cristianismo possa assumir a língua e a cultura do povo local. É triste ver que em muitas partes ainda se experimenta a presença cristã como uma presença estrangeira (especialmente europeia); uma situação que se encontra também nos itinerários de formação e nos estilos de vida (cf. *ibid.*, n. 90).⁹ Pelo contrário, devemos agir como que inspirados por esta anedota de Dom Bosco que, quando lhe perguntaram em que língua gostava de falar, respondeu: «A que a minha mãe me ensinou: é aquela com a qual me posso comunicar mais facilmente». Seguindo esta certeza, o salesiano é chamado a falar na língua materna de cada uma das culturas em que se encontra. A unidade e a comunhão da vossa família é capaz de assumir e aceitar todas estas diferenças, que podem enriquecer todo o corpo numa sinergia de comunicação e interação em que cada um possa oferecer o melhor de si para o bem de todo o corpo. Assim a salesianidade, longe de se extraviar na uniformidade das tonalidades, há de adquirir uma expressão mais bonita e atraente... poderá expressar-se “em dialeto” (cf. 2 *Mac* 7, 26-27).

Ao mesmo tempo, a irrupção da realidade virtual como língua predominante em muitos dos países nos quais vós desempenhais a vossa missão exige, em primeiro lugar, o reconhecimento de todas as possibilidades e das coisas positivas que ela produz, sem subestimar nem ignorar a sua incidência na criação de vínculos, especialmente no plano afetivo. Nós, adultos consagrados, também não somos imunes a isto. A ampla (e necessária) “pastoral digital” pedenos que habitemos a rede de forma inteligente, reconhecendo-a como um espaço de missão,¹⁰ que por sua vez nos obriga a dispor todas as mediações necessárias para não permanecermos prisioneiros da sua circularidade e da sua lógica particular (e dicotómica). Esta armadilha – mesmo que seja em nome da missão – pode fechar-nos em nós mesmos e

Um grande manto de misericórdia neste momento de crise

Entrevista ao cardeal Penitenciário-mor sobre a indulgência plenária e possíveis absolvições coletivas

ANDREA TORNIELLI

«Um grande manto de misericórdia estende-se sobre todos aqueles que desejam recebê-la». Assim o cardeal penitenciário-mor, Mauro Piacenza, nesta entrevista aos meios de comunicação do Vaticano, explica o decreto sobre a indulgência plenária oferecida por ocasião da emergência por causa da pandemia.

Vossa Eminência pode explicar a origem do decreto sobre a indulgência, neste momento de emergência por causa da Covid-19?

A lei suprema da Igreja é a salvação das almas. A Igreja está presente no mundo para anunciar o Evangelho e para oferecer os sacramentos, isto é, a superabundância de dons e de graças divinas, que são postos à disposição de todos. A crise que estamos a atravessar neste momento, infelizmente já em muitos países do mundo, é evidente para cada um de nós. Vivemos numa situação de emergência: há hospitais que correm o risco de não poder receber mais doentes; existem enfermos obrigados a viver em isolamento e, infelizmen-

te, inclusive a morrer sem o conforto e a proximidade dos seus entes queridos; há doentes aos quais falta a proximidade de um sacerdote para a unção dos enfermos e a confissão. Existem numerosas pessoas em quarentena e cidades inteiras cuja população deve permanecer fechada em casa, por causa das normas emitidas pelas autoridades para conter o contágio.

Quais são as necessidades mais urgentes?

A extraordinariedade deste tempo exige providências extraordinárias para ajudar, para estar próximo, para confortar, para assistir, para nunca permitir que a ninguém falte a carícia de Deus diante do sofrimento e da perspectiva da morte iminente. É por isso que a Penitenciaria, trabalhando ao serviço do Papa e com a sua autoridade, emitiu o decreto sobre as indulgências.

Pode enumerar as peculiaridades desta medida?

Em primeiro lugar, a indulgência plenária é oferecida a todos os pacientes que, atingidos pelo Corona-

virus, se encontram nos hospitais ou em quarentena domiciliar. Também é oferecida, nas mesmas condições, aos profissionais da saúde, aos familiares e a quantos assistem os doentes. Além disso, a indulgência é oferecida ainda a todos aqueles que, por ocasião desta pandemia, rezam a fim de que ela acabe, oram pelos que sofrem e por aqueles que o Senhor chamou a si.

Quais são as condições para receber o dom da indulgência?

São muito simples. Pede-se aos doentes e a quantos os assistem que se unam espiritualmente, na medida do possível através dos meios de comunicação social, à celebração da Missa ou à recitação do Terço, à Via-Sacra ou a outras formas de devoção. Se isto não for possível, pede-se que recitem o Credo, o Pai-Nosso e uma invocação a Maria. A todos os outros, aqueles que oferecem preces pelas almas dos defuntos, pelos que sofrem, invocando o fim da pandemia, é pedida – na medida do possível – uma visita ao Santíssimo Sacramento ou a adoração eucarística. Ou então a leitura

das Sagradas Escrituras durante pelo menos meia hora, ou a recitação do Rosário ou a Via-Sacra. Como é evidente para todos, a recitação das preces e a leitura da Bíblia podem ser feitas sem sair de casa, e portanto no pleno respeito das normas para impedir a propagação do contágio.

E quem se encontra em ponto de morte?

Aqueles que se encontram em ponto de morte e não podem receber a Unção dos enfermos, nem confessar-se e nem sequer comungar, são confiados à Misericórdia divina. A cada um deles é concedida a indulgência plenária, desde que estejam devidamente dispostos e tenham recitado habitualmente algumas orações durante a própria vida. Como se vê, um grande manto de misericórdia estende-se sobre todos aqueles que desejam recebê-la.

O decreto da Penitenciaria fala sempre de pessoas doentes afetadas pelo Coronavírus. Isto significa que a indulgência não é oferecida aos outros doentes?

CONTINUA NA PÁGINA 11

Aos salesianos reunidos em capítulo

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

isolar-nos numa virtualidade confortável, supérflua e pouco ou nada comprometida a favor da vida dos jovens, dos irmãos da comunidade ou das tarefas apostólicas. A rede não é neutra e o poder que ela tem para criar cultura é muito forte. Sob o *avatar* da proximidade virtual podemos acabar por ficar cegos ou distantes da vida concreta das pessoas, nivelando e empobrecendo o vigor missionário. O fechamento individualista, tão difundido e socialmente proposto nesta cultura amplamente digitalizada, exige que se preste uma atenção especial não só aos nossos modelos pedagógicos, mas também ao uso pessoal e comunitário do tempo, das nossas atividades e dos nossos bens.

A “opção Valdocco” e a capacidade de sonhar

Um dos “gêneros literários” de Dom Bosco eram os sonhos. Através deles o Senhor abriu caminho na sua existência e na vida de toda a sua Congregação, ampliando a imaginação do possível. Os sonhos, longe de o manter adormecido, ajudaram-no, como aconteceu com São José, a assumir outra consistência e outra medida de vida, que brotam das entranhas da compaixão de Deus. Era possível viver concretamente o Evangelho... Ele teve um sonho e deu-lhe forma no Oratório.

Desejo transmitir-vos estas palavras como a “boa noite” em cada boa casa salesiana no final do dia, convidando-vos a sonhar, e a sonhar alto. Sabei que o resto vos será dado por acréscimo. Sonhai com casas abertas, fecundas e evangelizadoras, capazes de permitir que o Senhor mostre a muitos jovens o seu amor incondicional e de permitir que desfrutéis da beleza à qual fostes chamados. Sonhai... E não somente para vós e para o bem da Congregação, mas para todos os jovens desprovidos da força, da luz e do conforto da amizade com Jesus Cristo, privados de uma comunidade de fé que os apoie, de um horizonte de sentido e de vida (cf. *Evangelii gaudium*, 49). Sonhai... E fazei sonhar!

Roma, São João de Latrão, 4 de março de 2020.

Franciscus

1. Lema marcado com fogo nos primeiros missionários. Lembro-me da carta do sacerdote Giacomo Costamagna a Dom Bosco na qual, depois de lhe contar as dificuldades da viagem e os vários fracassos que tiveram que enfrentar, concluiu dizendo: “Pedimos por unanimidade uma única coisa: poder ir depressa à Patagónia para salvar inúmeras almas”. A consciência de ser enviado para procurar almas nas periferias e de permanecer, superando qualquer falha aparente, constitui uma nota identitária com base na qual nos po-

demos confrontar e medir o carisma: “*Da mihi animas, coetera tolle*”.

2. Lembremo-nos da admoestação do Senhor: «Desrespeitando o mandamento de Deus, observais a tradição dos homens» (Mc 7, 8).

3. Graças à ajuda do sábio Cafasso, Dom Bosco descobriu quem era aos olhos dos jovens prisioneiros; e aqueles jovens encarcerados descobriram um semblante novo no olhar de Dom Bosco. Assim, juntos descobriram o sonho de Deus, que precisa destes encontros para se manifestar. Dom Bosco não descobriu a sua missão diante de um espelho, mas na dor de ver jovens que não tinham futuro. O salesiano do século XXI não descobrirá a sua própria identidade se não for capaz de sofrer com «o número de jovens sadios e robustos, com boa destreza, que estavam na prisão atormentados e completamente privados de alimento espiritual e material... Neles estava representada a odiosidade da pátria, a desonra da família» (*Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, 48); e poderíamos acrescentar: da nossa própria Igreja.

4. Hoje vemos como em muitas regiões os jovens são os primeiros a levantar-se, a organizar-se e a promover causas justas. As vossas casas salesianas, longe de impedir este despertar, são chamadas a tornar-se espaços que possam estimular esta consciência dos cristãos e dos cidadãos. Recordemos o título dos bons votos do Reitor-Mor deste ano: “Bons cristãos e honestos cidadãos”.

5. Convido-vos a ter sempre em mente todos aqueles que não participam nestas instâncias, mas que não podemos ignorar se não quisermos ser um grupo fechado.

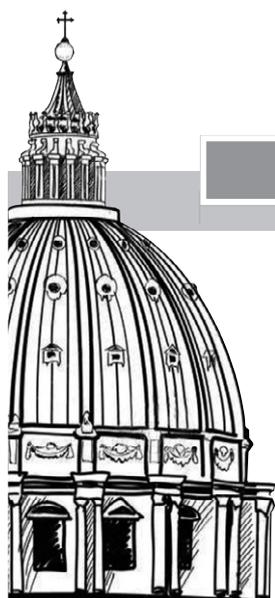
6. Super II Cor., cap. 2, lect. 2 (no final). O trecho comentado por São Tomás é 2 Cor 2, 6-7 onde, a respeito dos que o entristeceram, São Paulo escreve: «Deves usar da tua bondade e consolá-lo, porque ele não sucumbe sob demasiada dor».

7. J. M. Bergoglio, *Meditações para Religiosos*, 105.

8. Uma vocação eclesial, antes de ser um ato que diferencia ou complementa, é um convite a oferecer um dom particular de acordo com o crescimento dos outros.

9. Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 116: «como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas “permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radiculará».

10. Hoje, de fato, «torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas». É necessário ir onde se formam as novas narrativas e paradigmas” (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 74).



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 20 de março

Os Senhores Cardeais: Luis Antonio G. Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; Peter Kodwo Appiah Turkson, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral; e Giuseppe Versaldi, Prefeito da Congregação para a Educação Católica (dos Institutos de Estudos); e D. Stephan Ackermann, Bispo de Trier (República Federal da Alemanha).

No dia 23 de março

O Senhor Cardeal Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura; D. Salvatore Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização; o Senhor Cardeal Miguel Ángel Ayuso Guixot, M.C.C.J., Presidente do Pontifício Conselho para o Diá-

logo Inter-Religioso; e o Rev.do Pe. Juan Antonio Guerrero Alves, s.i, Prefeito da Secretaria para a Economia.

No dia 25 de março

D. Giacomo Morandi, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé; o Senhor Cardeal Robert Sarah, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; Sua Ex.cia o Sr. Mario Juan Bosco Cayota Zappetini, Embaixador do Uruguai em visita de despedida; e Sua Ex.cia o Sr. Prof. Marco Impagliazzo, Presidente da Comunidade de Santo Egídio.

No dia 27 de março

O Senhor Cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, com o Séquito; e o Rev.do Pe. Abade Guillermo Leon Arboleda Tamayo, O.S.B., Presidente da Congregação Sublacense Cassinense da Ordem de São Bento.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

A 19 de março

De D. Roberto Octavio Balmori Cinta, M.J., ao governo pastoral da Diocese de Ciudad Valles (México).

A 20 de março

De D. Armando José María Rossi, O.P., ao governo pastoral da Diocese de Concepción (Argentina).

A 25 de março

– De D. Antonio José López Castillo, ao governo pastoral da Arquidiocese de Barquisimeto (Venezuela).

– De D. Marcello Romano, ao governo pastoral da Diocese de Araçuaí (Brasil).

– De D. Robert J. Baker, ao governo pastoral da Diocese de Birmingham (Estados Unidos da América).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

No dia 19 de março

– Arcebispo de Adelaide (Austrália) D. Patrick Michael O'Regan, até esta data Bispo de Sale.

– Bispo de Ciudad Valles (México), o Rev.do Pe. Roberto Yenny García, do clero da Diocese de Tampico, até à presente data Secretário para as relações institucionais da Conferência Episcopal do México.

D. Roberto Yenny García nasceu na Cidade do México a 8 de fevereiro de 1972 e foi ordenado Sacerdote a 19 de março de 1996.

– Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Zamboanga (Filipinas), o Rev.do Pe. Moises M. Cuevas, do clero da Arquidiocese de Zamboanga, até agora Pároco da Catedral da Imaculada Conceição em Zamboanga City, simultaneamente eleito Bispo Titular de Maraguaia.

D. Moises M. Cuevas nasceu em Batangas City (Filipinas), a 25 de novembro de 1973 e recebeu a Ordenação sacerdotal em 6 de dezembro de 2000.

No dia 20 de março

Bispo da Diocese de Concepción (Argentina), D. José Melitón Chávez, até agora Coadjutor da mesma Diocese.

No dia 25 de março

– Bispo de Birmingham (Estados Unidos da América) D. Steven J. Raica, até à presente data Bispo de Gaylord.

– Auxiliar da Diocese de Spiš (Eslováquia), o Rev.do Pe. Ján Kuboš, até esta data Pároco e Decano em Kežmarok, simultaneamente eleito Bispo Titular de Quiza.

D. Ján Kuboš nasceu a 28 de fevereiro de 1966 em Trstená (Eslováquia), e foi ordenado Sacerdote em 18 de junho de 1989.

No dia 26 de março

Bispo da Diocese de Mopti (Mali), D. Jean-Baptiste Tiama, até agora Bispo de Sikasso.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 20 de março

D. Justin Mulenga, Bispo de Mpika, na Zâmbia.

O saudoso Prelado nasceu a 27 de fevereiro de 1955 em Nondo Parish, Arquidiocese de Kasama (Zâmbia), recebeu a Ordenação sacerdotal a 18 de julho de 1993 e a Ordenação episcopal a 12 de março de 2016.

A 22 de março

D. Daniel Edward Pilarczyk, Bispo Emérito de Cincinnati (Estados Unidos da América).

O venerando Prelado nasceu a 12 de agosto de 1934 em Dayton (E.U.A.) e foi ordenado Sacerdote a 20 de dezembro de 1959.

A 25 de março

– D. Angelo Moreschi, Vigário Apostólico de Gambella, na Etiópia, faleceu em Bréscia devido ao coronavírus.

O saudoso Prelado nasceu em Nave (Itália), a 13 de junho de 1952. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 2 de outubro de 1982 e a Ordenação episcopal em 31 de janeiro de 2010.

– D. Henk Kronenberg, religioso da Sociedade de Maria, Bispo Emérito de Bougainville, na Papua-Nova Guiné.

O ilustre Prelado nasceu em Enschede (Países Baixos) a 29 de setembro de 1934. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 18 de outubro de 1961 e a Ordenação episcopal em 14 de julho de 1999.

Início de Missão de Núncio Apostólico e de Observador Permanente

– D. Javier Camañes Forés, no Mali.

– D. Gabriele Caccia, Observador permanente da Santa Sé junto da Organização das Nações Unidas (16 de janeiro).

Entrevista ao cardeal Penitenciário-mor

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

Recordemos sempre o bem das almas: o decreto apresenta providências extraordinárias devidas à emergência geral que estamos a viver. Estende-se a todos os enfermos, porque todos os doentes hoje internados nos hospitais sofrem de alguma forma as consequências da emergência para a pandemia.

Falemos sobre o sacramento da confissão. São possíveis outras formas, para além da confissão individual, face a face com o sacerdote?

A absolvição coletiva, sem a confissão individual, pode ser dada sempre em perigo iminente de morte, ou então em casos – recita o Código de direito canónico – de “grave necessidade”. Como Penitenciaria Apostólica, esclarecemos

que, especialmente nos lugares mais afetados pelo contágio e até ao fim do fenómeno, os casos de grave necessidade são recorrentes. É portanto os bispos diocesanos, para o bem das almas, podem tomar decisões neste sentido, assim como o podem fazer os sacerdotes, nos casos de necessidade imprevista, avisando previamente o seu bispo ou informando-o quanto antes, após a administração do sacramento. As absolvições coletivas podem ser dadas às portas das enfermarias dos hospitais, onde se encontram fiéis contagiados em perigo de morte, fazendo-os participar na medida do possível.

O que pode dizer sobre a confissão individual?

Recomendamos que, onde isto acontecer, seja celebrada sempre

no pleno respeito das normas para impedir o contágio, e portanto à devida distância com o uso de máscaras, obviamente preservando sempre o segredo sacramental. Mas gostaria de recordar aqui, como também o fez o Santo Padre na sua homilia da Missa na Casa Santa Marta, na sexta-feira 20 de março, a importância do ato de contrição, quando é impossível confessar-se. É uma possibilidade mencionada pelo Catecismo da Igreja católica: o exame de consciência e a recitação do ato de contrição, um verdadeiro arrependimento acompanhado do propósito de não voltar a pecar e de ir ao confessorário o mais rápido possível, são agradáveis a Deus, reconciliam-nos com Ele e obtêm o perdão dos pecados.

ANGELUS

O Pontífice repropôs o apelo do secretário geral da Onu

Pôr fim a todas as guerras

E pediu medidas para evitar tragédias nas prisões

O apelo do secretário geral das Nações Unidas a um «cessar-fogo global e imediato em todos os cantos do mundo», a fim de constatar «a atual emergência devida à covid-19», foi relançado pelo Papa Francisco no Angelus de 29 de março, recitado como nas semanas passadas da Biblioteca do Palácio apostólico do Vaticano. Em precedência o Pontífice comentou, como de costume, o Evangelho do dia.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste quinto Domingo da Quaresma é o da Ressurreição de Lázaro (cf. *Jô* 11, 1-45). Lázaro era irmão de Marta e de Maria; eram muito amigos de Jesus. Quando Ele chegou a Betânia, Lázaro já estava morto há quatro dias; Marta correu ao encontro do Mestre e disse-lhe: «Se Tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido!» (v. 21). Jesus respondeu-lhe: «Teu irmão há de ressuscitar» (v. 23); e acrescenta: «Eu sou a Ressurreição e a Vida; aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá» (v. 25). Jesus mostra-se co-

mo o Senhor da vida. Aquele que é capaz de dar vida até mesmo aos mortos. Depois chega Maria e outras pessoas, todas em lágrimas, e então Jesus — diz o Evangelho — «comoveu-Se profundamente [...] e chorou» (vv. 33-35). Com esta perturbação no coração, foi ao túmulo, agradece ao Pai que sempre o escuta, manda abrir o túmulo e brada em voz alta: «Lázaro, sai para fora» (v. 43). E Lázaro saiu tendo «os pés e as mãos ligados com faixas e o rosto envolto num sudário» (v. 44).

Aqui constatamos diretamente que Deus é vida e dá vida, mas Ele assume o drama da morte. Jesus poderia ter evitado a morte do seu amigo Lázaro, mas ele quis fazer sua a nossa dor pela morte de entes queridos, e acima de tudo ele quis mostrar o domínio de Deus sobre a morte. Neste trecho do Evangelho, vemos que a fé do homem e a onipotência de Deus, do amor de Deus procuram-se e, por fim, encontram-se. É como um caminho duplo: a fé do homem e a onipotência do amor de Deus



que se procuram, no final encontram-se. Vemo-lo no grito de Marta e de Maria e de todos nós com elas: «Se Tu estivesses aqui!...». E a resposta de Deus não é um discurso, não, a resposta de Deus ao problema da morte é Jesus: «Eu sou a Ressurreição e a Vida... Tende fé! No meio do choro continuai a ter fé, mesmo que a morte pareça ter vencido. Tirai a pedra do vosso coração! Que a Palavra de Deus restitua a vida onde há a morte».

Ainda hoje Jesus nos repete: «Tirai a pedra». Deus não nos criou para o túmulo, Ele criou-nos para a vida, bela, boa, alegre. Mas «a morte entrou no mundo por inveja do diabo» (*Sb* 2, 24), diz o Livro da Sabedoria, e Jesus Cristo veio para nos libertar dos seus laços. Por isso, somos chamados a remover as pedras de tudo o que cheira a morte: por exemplo, a hipocrisia com que se vive a fé é morte; a crítica destrutiva dos outros é morte; a ofensa, a calúnia, é morte; a marginalização dos pobres é morte. O Senhor pede-nos para remover estas pedras do coração, e a vida então florescerá novamente ao nosso redor. Cristo vive, e aquele que o acolhe e adere a ele entra em contacto com a vida. Sem Cristo, ou fora de Cristo, não só a vida não está presente, mas cai-se de novo na morte. A ressurreição de Lázaro é também um sinal da regeneração que se dá no crente através do Batismo, com plena inserção no Mistério Pascal de Cristo. Pela ação e poder do Espírito Santo, o cristão é uma pessoa que caminha na vida como uma nova criatura: uma criatura para a vida e que vai em direção à vida.

Que a Virgem Maria nos ajude a ser tão compassivos quanto o seu Filho Jesus, que fez sua a nossa dor. Que cada um de nós esteja próximo daqueles que estão na prova, tornando-se para eles um reflexo do amor e ternura de Deus, que liberta da morte e faz vencer a vida.

No final da prece mariana o Papa dirigiu um pensamento «a todas as pessoas obrigadas a viver em grupo.

Estimados irmãos e irmãs!

Nos últimos dias, o Secretário Geral das Nações Unidas lançou um apelo a um «cessar-fogo global e imediato em todos os cantos do mundo», recordando a atual emergência da COVID-19, que não conhece fronteiras. Um apelo a um cessar-fogo total. Associe-me àqueles que aceitaram este apelo e convidado todos a pô-lo em prática, cessando qualquer forma de hostilidade bélica, encorajando a criação de corredores para a ajuda humanitária, a abertura à diplomacia e a atenção aos que se encontram em situações de maior vulnerabilidade.

Que o compromisso conjunto contra a pandemia possa levar todos a reconhecer a nossa necessidade de fortalecer os laços fraternos como membros de uma só família. Em particular, inspire nos responsáveis das nações e das outras partes em questão um compromisso renovado para superar as rivalidades. Os conflitos não se resolvem através da guerra! É necessário superar antagonismos e contrastes através do diálogo e de uma busca construtiva da paz.

Neste momento o meu pensamento vai especialmente para todas aquelas pessoas que sofrem a vulnerabilidade de serem forçadas a viver em grupos: lares de idosos, quartéis... Em particular, gostaria de mencionar as pessoas nas prisões. Li um memorando oficial da Comissão de Direitos Humanos que fala sobre o problema das prisões superlotadas, o que se pode tornar uma tragédia. Exorto as autoridades a serem sensíveis a este grave problema e a tomarem as medidas necessárias para evitar tragédias futuras.

Desejo-vos a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim; eu faço-o por vós. Bom almoço e até breve.

Vídeo especial da Rede mundial de oração

Sob a proteção da Virgem

No contexto de uma emergência global de saúde, devido à covid-19, a oração deve ser também extraordinária. A difusão de um vídeo especial de Francisco para implorar o fim da pandemia faz parte da mobilização espiritual diante da dramática situação atual. A iniciativa é da Rede mundial de oração do Papa, que divulgou o vídeo na tarde de 24 de março.

Pela primeira vez desde que foi promovido «O vídeo do Papa», a urgência ultrapassou a tradicional programação mensal das intenções de oração. A palavra de ordem lançada pelo Papa é: «Todos juntos rezemos pelos doentes, pelas pessoas que sofrem». Francisco convida a fazê-lo com o mais antigo *troparion* dirigido a Maria, datado do século III, o *Sub tuum praesidium*: «Sob a tua proteção procuramos refúgio, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as súplicas de nós, que estamos na provação, e livrai-nos de todo o perigo, ó Virgem gloriosa e bendita».

O vídeo mostra as imagens da «peregrinação» feita pelo Papa no dia 15 à basílica romana de Santa Maria Maior e à igreja de São Mar-

celo «al Corso». A imagem da *Salus populi romani* serve de pano de fundo para a oração do Pontífice, que depois agradece «a todos os cristãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade que rezam por este momento, todos unidos, independentemente da tradição religiosa a que pertencem».

São significativos os instantâneos propostos: entre eles, a entrada de uma unidade de cuidados para doenças infecciosas de um hospital, com um cartaz que alerta para o risco biológico por causa da covid-19 e uma criança que coloca a máscara. Veem-se também aldeias e cidades, entre as quais se reconhece Londres, com a sua roda-gigante, o Big Ben e o Tamisa.

O convite à oração pode ser seguido com a hashtag #PrayForTheWorld, ou acedendo ao perfil «Reze com o Papa» na plataforma Click To Pray (site da web, aplicativos e redes sociais). O vídeo foi preparado pela agência La Machi, responsável pela produção e distribuição, em colaboração com a Mídia do Vaticano, que supervisionou a gravação.